

## **Roda de capoeira, memórias representadas: ressignificação do grupo Angola Palmares – Roger JP/PB**

Carlos Silva Laureano

<http://lattes.cnpq.br/6934798915023008>

[ircarlosilva@gmail.com](mailto:ircarlosilva@gmail.com)

Gean David de Carvalho

<http://lattes.cnpq.br/9065194678048508>

[geandavd@yahoo.com.br](mailto:geandavd@yahoo.com.br)

Karina Ceci de Sousa Holmes

<http://lattes.cnpq.br/30607304693483>

[karinaholmes.holmes@gmail.com](mailto:karinaholmes.holmes@gmail.com)

Dra. Maria Nilza Barbosa Rosa

<http://lattes.cnpq.br/8152747724329182>

[nilzasor@yahoo.com.br](mailto:nilzasor@yahoo.com.br)

*Submetido: 03 abr. 2020*

*Publicado: 15 maio 2020*

### **Resumo**

Com movimentos inspirados em danças guerreiras africanas, a capoeira foi recriada no Brasil pelos povos africanos na época da escravidão, sendo um símbolo de luta e resistência do movimento negro. Em 2008, a capoeira foi declarada como Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), posteriormente, em 2014 pela UNESCO. Este trabalho tem por objetivo recontar a história do grupo de capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB, a partir da entrevista narrativa (EN) com Mestre Dário, bem como na perspectiva dos elementos envolvidos neste processo. A pesquisa, de cunho qualitativo, revelou que as ações aqui articuladas permitiram maior visibilidade do tema e da concepção do sentimento de pertença na construção de uma identidade afro-brasileira entre os participantes, tocados pela memória ancestral através dessa arte. Revelou ainda que a capoeira possui funções de entretenimento, de socialização, de preservação e manutenção das tradições.

**Palavras-chave:** Memória social. Capoeira. Grupo de capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB.

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho buscou recontar a história do grupo de capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB, a partir da perspectiva dos elementos envolvidos neste processo, tais como: elementos da história - como suas diferentes formas de organização e manifestação, preservadas na memória - e das culturas brasileira e paraibana, o que favorece o entendimento da memória como um instrumento relevante para a construção, enfrentamento ou superação de ideologias no decorrer da história. Nesse

entendimento, a capoeira pode ser observada como estrutura que exemplifica os processos de organização das memórias e da legitimação social.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a metodologia adotada foi exploratória, descritiva e qualitativa, utilizando os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em manifestações culturais e memória social. A organização teve como base algumas fontes bibliográficas, relacionadas aos aspectos históricos da capoeira e às formas de organização do seu universo. A partir dos registros capazes de expressar o sistema cultural da capoeira, e da entrevista narrativa (EN) com Mestre Dário, realizamos uma leitura no âmbito da capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2008), a entrevista narrativa é, por sua natureza, carregada de significados e características próprias, o que nos permite compreender os componentes que desencadeiam e proporcionam ao entrevistado a revelação, a compreensão e o processo de reflexão sobre sua prática capoeirística. Além da entrevista narrativa, buscamos por meio da observação direta as maneiras pelas quais o grupo cria as suas próprias representações afirmando suas identidades. As identidades são fundamentais no processo de construção não só de grupo, mas também dos indivíduos que dele fazem parte e que compartilham os seus ideais, contribuindo, assim, para a elaboração e difusão de crenças, valores e modos de vida.

As manifestações culturais das quais a capoeira faz parte tornam-se relevantes, neste estudo, por vias do patrimônio e da memória social. Patrimônio aqui pensado como Gonçalves (2007), uma categoria universal, presente em diferentes povos e momentos históricos, ainda que guardadas as suas especificidades locais.

A capoeira foi recriada no Brasil pelos povos africanos na época da escravidão, com movimentos inspirados em danças guerreiras africanas. Sempre foi um símbolo de luta e resistência do movimento negro, geralmente representado em suas canções. No Brasil, em 1890, o Código Penal da República proibia a prática da capoeira com severas punições, tais como castigos corporais. Já no governo de Getúlio Vargas, a capoeira passou a ser valorizada, quando o baiano Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), criador da luta regional baiana, mais tarde chamada de capoeira Regional, foi convidado pelo então presidente da República para uma apresentação no Palácio do Governo. De lá pra cá, muita coisa mudou em termos políticos.

Em 2004, o então ministro da cultura Gilberto Gil criou o programa brasileiro e mundial da capoeira, que previa: a construção de um calendário da capoeira; criação de um centro de pesquisa em Salvador; implantação do ensino da capoeira nas escolas; apoio diplomático a capoeiristas no exterior; uma previdência específica para eles; e o lançamento de editais que fomentassem a prática da capoeira. Esse foi o início de um longo processo para a preservação e o incentivo da capoeira no Brasil (PIRES, 2001).

Em 2008, a capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil, posteriormente pela UNESCO, em 2014. Depois que a capoeira foi declarada patrimônio cultural em âmbito nacional, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN) tentou elaborar um plano de salvaguarda nacional para a sua preservação. Em 2012, ficou decidido que cada estado faria seu próprio plano, já que a capoeira tem valores e simbologias diferentes em cada região do Brasil (PIRES, 2001). Uma das dificuldades para a aplicação desse plano é o financiamento do estado direcionado a essa questão. Há cada vez menos verba direcionada à cultura, mais especificamente, à cultura popular e ao patrimônio imaterial, assim a capoeira resiste e sobrevive graças à persistência dos capoeiristas.

Compreendemos a relevância desse grupo de capoeira na confirmação, continuidade e divulgação na cidade de João Pessoa-PB, bem como na

construção/desconstrução da tradição do grupo. Apresentando uma possibilidade de leitura da capoeira, alimentamos a dinâmica da cultura em torno dessa prática. Desse modo, a memória passa a ser entendida como tendo um mesmo significado, pois este conjunto de práticas, comportamentos, conhecimentos e modos de vida, que consideramos ser a memória da capoeira, passam a influenciar o modo de ser e de agir dos indivíduos que dela participam.

Cabe lembrar que nas rodas de capoeira também se estabelecem relações identitárias com a cultura popular, contribuindo sobremaneira no processo de construção da memória do povo afro-brasileiro, da reterritorialização e da própria cultura afrodescendente.

## **2 A CAPOEIRA E SUA REPRESENTATIVIDADE NA CULTURA BRASILEIRA**

A capoeira possui significativa representatividade não apenas na cultura brasileira, mas no mundo, sendo considerada como um fenômeno popular cultural (VIEIRA, 2002). Como acentua este autor, a capoeira obteve alguns de seus elementos registrados como patrimônio cultural imaterial brasileiro, sendo vista como disseminadora da língua portuguesa para o mundo, por meio de suas terminologias e cantigas ensinadas em nossa língua.

Ao longo dos anos, a capoeira foi se modificando e outros elementos da cultura africana e brasileira foram incorporados. Atualmente são reconhecidos três tipos de capoeira: a *Angola*, a *Regional* e a *Contemporânea*. A *Angola* é a capoeira mais tradicional. A *Regional* tem influência das lutas asiáticas, como o karatê e o kung. Já a *Contemporânea* é uma mistura de ambas (*Angola* e *Regional*). A origem da capoeira revela a participação do povo africano na diáspora, isto é, na dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica não só nas Américas, mas no mundo inteiro. Assim, a capoeira é trazida para o Brasil, nesse processo de escravidão, com a vinda dos primeiros negros durante a colonização. Com eles, vieram várias manifestações, que sofrem mudanças, principalmente pela questão da resistência e da sobrevivência. Na cultura trazida pela diáspora africana existe uma relação de respeito com a ancestralidade, onde quem detém o conhecimento são os mais velhos.

Segundo preceitua Soares (1994), mesmo a pessoa não sendo reconhecida como mestre de uma arte específica, ela é mestre da experiência e do saber construído no dia a dia. A capoeira é, portanto, um instrumento de resistência e de perpetuação da história. É uma ferramenta de autodescoberta das potencialidades de seus integrantes.

Vassalo (2011) afirma que a capoeira *Angola* apresenta características de um jogo lento, recreativo, envolto em religiosidade e misticismo. Está integrada à cultura negra, praticada pelas camadas sociais marginalizadas. Essa compreensão e identificação, conforme aponta a autora, nem sempre significam singularidade, mas, às vezes, preconceitos, construções excludentes, afirmações de legitimidade e originalidade.

Ao tratar dos elementos da cultura, consideramos a perspectiva do conceito de tradição, empregado geralmente no sentido de conservação, a partir de elementos cristalizados na memória coletiva (ALMEIDA, 1994). Os movimentos são característicos dos saberes da tradição, nesse sentido, como afirma Almeida (1994), não agem pela indiferença ou intransigência ao movimento da história, na medida em que reorganizam constantemente o que já existiu. A partir de novas interpretações,

projetam novas possibilidades, contrário a uma perspectiva do tempo e da cultura como elemento fixado.

Para Vassalo (2011), a capoeira praticada no Brasil, desde os primeiros anos da Colônia, permaneceu na clandestinidade e, depois, na criminalidade, até o ano de 1937 quando saiu do Código Penal da República para ser elevada à categoria de representante da cultura nacional. A autora esclarece que atualmente a capoeira integra o rol de patrimônios culturais imateriais do Brasil e de patrimônios imateriais da humanidade. Os desdobramentos e consequências desses reconhecimentos têm suscitado discussões importantes sobre a apropriação de bens culturais por parte do estado e a jurisdicionalização das manifestações a eles ligadas (VASSALO, 2011). Isto é, submeter a conduta relativa à vivência dessas manifestações às normas jurídicas, muitas vezes, ignorando o modo como essas manifestações são tradicionalmente organizadas (CUNHA *et al.*, 2014).

Dessa forma, por meio dos exemplos encontrados na capoeira e na sua memória, Cunha *et al.* (2014) reforçam o entendimento de realidades construídas e relacionadas a esse universo pluralizado, o qual conta com a existência de um caráter eletivo no registro da história. Dentre os mecanismos de busca por legitimação, os autores destacam a construção do discurso, considerando que, muitas vezes, fatos passados são trazidos ao presente, de maneira a dar coerência cronológica para os que discursam e que desejam construir um sentimento de identidade nas pessoas.

### **3 O GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PALMARES - ROGER JP/PB: memórias e identidade**

Dentro da comunidade capoeirística, cada grupo reivindica sua memória. A capoeira e a memória guardam estreita relação com o passado, mas que é atualizado dia a dia pela prática. Assim é a capoeira Angola, da qual o grupo Angola Palmares - Roger JP/PB segue os ensinamentos e práticas, de certo modo, passíveis de preconceito, com resquícios de um passado discriminativo. Por outro lado, como afirma Le Goff (1990, p. 462):

O que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo.

O tempo passou, a capoeira resistiu às repressões às quais foi submetida ao longo dos anos, e ganharia o *status* de bem cultural imaterial. O Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB, objeto deste estudo, tem sobrevivido a muitas intempéries ao longo de sua trajetória. Esse grupo foi fundado em 17 de março de 1998, com a coordenação de Mestre Dário Pereira João (M.D)<sup>1</sup>, que, na época, era instrutor de capoeira. Contou também com a participação de Malu Farias (Contramestra Malu), que era cordel amarelo, e com a supervisão de Mestre Lázaro e com a orientação do Mestre Norival Moreira de Oliveira (Mestre Nô), filiado à Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares (ABCCAP). Nessa época, foi criado o logotipo do Grupo (Figura 1):

---

<sup>1</sup> Usaremos daqui em diante as iniciais MD nas citações das falas de Mestre Dário, coletadas na entrevista narrativa (EN) realizada.

**Figura 1:** Logotipo do Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB



**Fonte:** <https://pt-br.facebook.com/>. Acesso: jun. 2019.

Não é possível separar o Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB da figura de Mestre Dário. Sua história na capoeira está intimamente ligada ao grupo. Sua preocupação de mestre está em passar os princípios, os fundamentos da capoeira, para ela não se perder. Sua experiência foi fundamental na permanência e continuidade do grupo, dos seus preceitos, dos seus fundamentos, do seu modo de vida. Mestre Dário é, portanto, um agente da memória.

Para Le Goff (1990), em sociedades baseadas na tradição oral, a presença de agentes da memória se faz necessária não só pelos motivos relacionados ao armazenamento de informações, mas pelo papel importante que "cabe à dimensão narrativa e a outras estruturas da história cronológica dos acontecimentos" (LE GOFF, 1990, p. 371). Esses indivíduos são mestres de memória, mestres cujo valor está no fato de desenvolverem uma atividade relevante para a sobrevivência dessas sociedades, isto é, a lembrança.

Em 1990, Mestre Dário inicia sua aprendizagem de capoeira no Grupo de Capoeira Lua de Palmares, coordenado por Dorivan Rafael, que fazia parte da Associação Cultural de Capoeira Badauê dos Palmares, de Campina Grande - PB, fundada por Mestre Sabiá, que, na ocasião, era aluno do Mestre Nô e era integrante da ABCCAP. O Grupo de Capoeira Lua de Palmares se reunia no Serviço Social do Comércio - SESC, situado na Rua Des. Souto Maior, 281, Centro, João Pessoa-PB (Entrevista com M.D., 2019).

Nessa entrevista, Mestre Dário conta que sua primeira experiência em ministrar aulas de capoeira foi em 1993, quando ele estava na primeira graduação chamada de cordel verde. Por conta de problemas de saúde do professor, o que acarretou sua ausência naquele período, Mestre Dário relata que permaneceu por dois anos ministrando as aulas aos demais alunos do grupo. "O grupo esteve sob a coordenação de Dorivan Rafael até outubro de 1998, época em que já havia recebido o cordel amarelo e azul, graduação de instrutor" (M.D., 2019).

Em janeiro de 1999, Mestre Dário passou a treinar com Mestre Lázaro, no Grupo Guerreiros dos Palmares, também filiado à ABCCAP. Nessa época, Mestre

Dário ministrava aulas na Escola Piollin (atualmente denominado Centro Cultural Piollin) uma Organização Não Governamental (ONG). O atual Centro Cultural Piollin fica localizado no antigo Engenho Paul, conjunto arquitetônico onde se localizava a senzala, a casa grande e a moenda. O Piollin fica situado na Rua Prof. Sizenando Costa, S/N, Roger, no baixo Roger, ao lado do parque Arruda Câmara.

Entre 2001 e 2002, Mestre Nô sempre orientou que todos os mestres dos grupos, filiados à ABCCAP, adotassem o nome fantasia "Grupo Capoeira Angola Palmares", diferenciando-se apenas por seu local de origem. Dessa feita, o grupo do Mestre Dário passou a se chamar "Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB". Após 20 anos, o grupo foi ganhando corpo e está enraizado no bairro do Roger em João Pessoa-PB.

De acordo com Mestre Dário:

*O grupo conta hoje com aproximadamente 120 integrantes, sendo que alguns deles são mais antigos e já graduados, entre eles: uma contramestra, uma professora, um professor, quatro instrutores, seis cordéis amarelos. A diversidade faz parte do grupo, sendo aberto a todos que queiram participar, sem distinção de faixa etária e gênero. O grupo tem a preocupação em ensinar o respeito entre seus integrantes e com a sociedade, também aos seus familiares (M.D., 2019).*

Para que um aluno possa fazer parte do grupo e estar praticando capoeira, é necessário apenas que demonstre o desejo de aprender capoeira, como manifestação da cultura afro-brasileira, e respeite as normas desse grupo. Na relação dentro do grupo, o aluno desenvolve, através do tocar, cantar e jogar capoeira, a consciência da importância do diálogo entre os saberes culturais e os saberes escolares, levando-o a despertar uma postura ativa no ambiente escolar, familiar e comunitário. Na roda de capoeira, esse aluno percebe que a aprendizagem ocorre na relação do "eu consigo mesmo", do "eu com o outro" e do "eu com o mundo". Afinal, como diz Mestre Nô, citado por Mestre Dário: "*capoeira na roda, capoeira na vida*". Hoje o grupo conta com onze integrantes que cursam ou cursaram o ensino superior, o que vem corroborar as palavras do educador Paulo Freire (2015, p. 25): "os homens se educam em comunhão".

Mestre Dário deixa entrever que faz esse tipo de trabalho baseado na sua formação dentro da tradição de capoeira Angola, da linhagem de Mestre Nô. Para Mestre Dário, a capoeira tem o tônus da periferia. Ele conta que ministrou aulas em vários bairros periféricos de João Pessoa, mas a base do grupo está sediada no Roger, um bairro que disputa o imaginário da cidade entre o bairro do antigo lixão do Roger e o bairro do presídio do Roger, "Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega".

Em suas atividades acadêmicas, Mestre Dário interage com crianças e adolescentes, cheios de vontade de jogar capoeira, mas com baixa autoestima, proporcionando a esses praticantes a noção de respeito que se traduziu em interações e trocas culturais marcando a trajetória deles na capoeira. Na função de educador social, Mestre Dário ministrou aulas em vários projetos pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e revela:

*Em vinte e um anos de atividade, o grupo realizou dezoito encontros de capoeira em eventos, chamados de Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, que acontecem anualmente desde o ano 2000 e têm como principal finalidade a socialização de experiências entre capoeiristas do Grupo, do*

*qual faço parte como coordenador, e capoeiristas de João Pessoa e de outras cidades do estado e de estados vizinhos (M.D., 2019).*

Durantes os eventos, são oferecidas oficinas de capoeira Angola, Maculelê, Penteado Afro, percussão, história e cultura afro-brasileira, e, ainda, realização de rodas nas ruas do bairro do Roger. Um dos momentos mais esperados pelos integrantes do grupo é a entrega dos cordéis verdes:

*Para os principiantes, as trocas de cordéis; para os mais antigos, que vai do verde com ponteira amarela até os cordéis mais elevados, no caso desse grupo, o cordel de contramestra, para Malu Farias (M. D., 2019).*

Os encontros são o ponto de culminância das atividades realizadas, ano após ano, pelo grupo, e fazem parte da trajetória formativa de todos os capoeiristas. Segundo informa Mestre Dário, seu encontro com os Mestres Lázaro e Nô ocorreu no SESC - Centro, em João Pessoa:

*Na ocasião da realização de um encontro de capoeira, em 1990, congregou todos os grupos da cidade: o Lua de Palmares, grupo do qual ele fazia parte; o Senzala de Palmares, do Bairro dos Novais, coordenado por contramestre Naldinho (atualmente, Capoeira Comunidade); o Afro Nagô, que na época localizava-se no Bairro do Castelo Branco, Marcos Zunga; e o Mãe África, do Renascer, em Cabedelo, de Martins. Naquele momento, nenhum dos capoeiristas citados, como coordenadores de grupo, era reconhecido como mestre de capoeira (M.D., 2019).*

Outra memória que Mestre Dário recuperou, durante a nossa entrevista, foi o seu encantamento com o jogo dos mestres e dos capoeiristas mais antigos, presentes na realização da roda de abertura do evento, e relata:

*Mestre Nô, com 45 anos, é um técnico, rápido e ao mesmo tempo manhoso. Mestre Lázaro, com 24 anos de idade, de vigor físico, ninguém conseguia acompanhá-lo no jogo. E o Valdir Axé, filho do Mestre Nô, é igualmente rápido e com muita flexibilidade corporal (M.D., 2019).*

Segue abaixo o registro fotográfico do grupo de capoeira, momentos antes de uma das suas apresentações:



**Figura 2:** Mestre Lázaro e Mestre Dário. Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB



**Fonte:** acervo pessoal, 2019.

**Foto:** Malu Farias.

Em 1992, dois anos mais tarde aconteceu outro encontro sediado na quadra do Liceu Paraibano. Foi neste encontro que Mestre Dário recebeu, das mãos do Mestre Nô, seu primeiro cordel, o verde e o apelido de capoeira "Tartaruga", a exemplo do evento ocorrido em SE.

Todos os grupos da cidade estavam presentes antes da entrega dos cordéis verdes. Como relata Mestre Dário, Mestre Nô estava avaliando alguns praticantes de capoeira da cidade, um exame de cordéis, a fim de saber suas capacidades para receber o terceiro cordel, o amarelo. "*Houve reprovações e muita polêmica por este motivo*" (M.D., 2019).

No ano seguinte, em 1993, durante a realização do Iê Camará - encontro de capoeira realizado no último trimestre daquele ano, no SESC - ficou definido que cada grupo realizaria seus eventos separadamente. Nesse mesmo evento, Mestre Dário recebeu o segundo cordel, o verde e amarelo, e no ano de 1994, o cordel amarelo. Já em 1995, teve a oportunidade de participar do evento do então contramestre Valdir Axé, o filho do Mestre Nô. O evento aconteceu no Clube Bahia, no bairro da Boca do Rio, Salvador-BA. Durante os dias do evento, ele ficou na mesma casa em que moravam o Mestre Lázaro e o contramestre Valdir. Segue a narrativa:

*No sábado, principal dia do evento, o Ginásio do Bahia estava completamente cheio de capoeiristas, assistindo e participando do evento, quando Valdir começou a apresentar, primeiro os contramestres presentes, depois o mestre, e na apresentação do Mestre Lázaro o público inteiro o aplaudiu com muita euforia. Para ele, aquilo foi uma amostra do respeito e grandiosidade do Mestre Lázaro para a capoeira baiana (M.D., 2019).*

Desde então, Mestre Dário vem participando de eventos de capoeira na Paraíba e em outros estados do Nordeste como aprendiz, mas também como ministrante de oficinas de capoeira, o que vem contribuindo para sua formação como capoeirista. Em 2003, ele recebeu a graduação de professor, o Cordel Azul, durante a realização de um evento do Grupo Capoeira Angola Palmares, na Escola Piollin. Em 2007, no evento do Grupo Capoeira Angola Palmares, coordenado por Mestre Lázaro,



em Salvador, recebeu a graduação de contramestre. Em 2013, também em Salvador, recebeu o primeiro cordel de mestre, branco com ponteiras verdes. Em 2016, durante a realização do XVI Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, coordenado por ele e pelo contramestre Malu, recebeu do Mestre Lázaro a segunda graduação de mestre, o cordel branco com ponteiras amarelas.

O reconhecimento chegou em 2013, e o Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB passa a ser considerado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural do bairro do Roger fazendo parte da agenda cultural dos bairros da grande João Pessoa. Bairros esses que, segundo o próprio IPHAN, são sinônimos de negritude e, assim, tem como referência cultural os tambores e berimbaus da capoeira Angola Palmares<sup>2</sup>.

O grupo faz um trabalho cultural e educativo nas comunidades do Roger em parceria com ONGs que estão localizadas no bairro, como a Escola Piollin, Casa Pequeno Davi e Casa das Irmãs, que ficam situadas na comunidade do "S", antigo lixão do Roger. Embora o grupo tenha sua fundação no bairro do Roger, ele já foi popularizado por vários bairros da capital João Pessoa e um de seus principais motivos é que o grupo sempre trabalhou em parcerias com projetos e programas, socioeducativos, governamentais (federal, estadual e municipal) e não governamentais, tais como: Centro Livre Meninada em Jaguaribe, Projeto Beira da Linha no Alto do Mateus, Casa Menina Mulher no Varadouro.

**Figura 3:** Dança de Maculelê, na casa da Pólvora



**Fonte:** acervo pessoal, 2019.

**Foto:** Malu Farias.

O Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger JP/PB não trabalha apenas com a capoeira, diz Mestre Dário em entrevista. Ressalta, ainda, que o grupo tem tradição da prática do Maculelê, que é uma manifestação cultural, oriunda da cidade Santo Amaro da Purificação-BA. De origem afro-brasileira e indígena, era praticada como uma luta armada, hoje é uma dança de característica, sempre marcada com uma batida mais forte dos bastões no fim de cada refrão (M.D., 2019).

<sup>2</sup> Informações extraídas: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Conta-se que um jovem guerreiro, sozinho, conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando apenas dois pedaços de pau, tornando-se o herói da tribo, assim cantada em música de Maculelê<sup>3</sup>.

Certo dia, na cabana um guerreiro  
Foi atacado por uma tribo pra valê  
Pegou dois paus,  
Saiu de salto mortal  
E gritou pula menino, que eu sou maculelê  
Ê pula lá que eu pulo cá  
Que eu sou maculelê  
Ê pula lá que eu quero vê  
Que eu sou maculelê  
Ê pula eu pula você  
Que eu sou maculelê  
Ê pula lá que eu quero vê  
Que eu sou maculelê (bis)

Mestre Nô é um baiano nascido em 1945, na Ilha de Itaparica, e aos quatro anos conheceu a capoeira através do seu avô Olegário. Aos sete anos, foi morar na Massaranduba, bairro da periferia de Salvador. Foi discípulo de Mestre Nilton, passou a frequentar as Rodas organizadas por Mestre Pirro, também da Massaranduba e Mestre Zeca, do bairro Uruguai. Mestre Nô tem dedicado longos anos de sua vida à arte de ensinar capoeira e, por essa dedicação, é hoje conhecido internacionalmente, bem como considerado baluarte da capoeira Angola.

O Mestre Nô influenciou diretamente centenas de capoeiristas e milhares indiretamente, considerado por muitos capoeiristas como mestre dos mestres. Ele formou mais de 75 mestres, inclusive Mestre Sabiá, sendo o primeiro educador popular e mestre de capoeira a receber o título de Notório Saber na UFSC, em 2016. No dia 16 de agosto 2018, recebe da UFBA a seguinte declaração de reconhecimento: "Conheço quase todos os segredos dessa arte. Não conheço todos porque ela é muito maior do que se possa imaginar" (Mestre Nô)<sup>4</sup>.

Como observa Moura (1981), se a capoeira surge da necessidade e do desejo de liberdade e da vontade de quebrar as correntes da vida desumana, a que os negros escravizados no Brasil Colonial eram forçados a sobreviver, como luta, a capoeira passa a ser um símbolo da resistência dos negros. Para o autor, para que eles não fossem castigados, treinavam os golpes de capoeira disfarçando-os em forma de dança. Em meio ao caos que viviam, lutavam para a conquista da sua liberdade, e, quando conseguiam, formavam grupos para unir forças. Dessa forma, foram sendo formados os quilombos.

Assim destaca Moura (1981, p. 87) as palavras de Mestre Nô: "Dos negros escravos a dança tigreira. Ontem foi luta de bravos, hoje para nós Capoeira!" E finaliza dizendo:

O quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência dos negros escravizados. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existia a escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil. [...] O quilombo não foi, portanto, apenas um fenômeno esporádico. Constituíam-se em fato normal dentro da

<sup>3</sup> Disponível em: <https://museuafrodigital.ufba.br>. Acesso em: 16 mar. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://museuafrodigital.ufba.br/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

sociedade escravista. Era reação organizada de combate a uma forma de trabalho contra a qual se voltava o próprio sujeito que a sustentava (MOURA, 1981, p. 87).

Corroborando o pensamento do IPHAM, "a capoeira é uma filosofia de vida", e, segundo a filosofia do Mestre Nô, "capoeira [está] na roda, capoeira [está] na vida". Os ensinamentos de respeito ao próximo e à ancestralidade fazem com que seus praticantes tenham um olhar diferenciado para a comunidade em que ela está inserida. Como uma aliança, a roda de capoeira acontece em um círculo representando a harmonia dos seus participantes. O jogo de capoeira depende desde o tocador de berimbau, ao que está na roda batendo palmas e cantando, enquanto dois estão jogando em harmonia com o ritmo produzido pela musicalidade fluindo da roda de capoeira (BRASIL, 2014).

A capoeira, uma manifestação cultural que se caracteriza por suas múltiplas dimensões, é ao mesmo tempo dança, luta e jogo. Dessa forma:

Mantém ligações com práticas de sociedades tradicionais, nas quais não havia a separação das habilidades nas suas celebrações, característica inerente à sociedade moderna. Ainda que alguns praticantes deem prioridade ora à sua face cultural, aos seus aspectos musicais e rituais, ora à sua face esportiva, à luta e à ginástica corporal, a dimensão múltipla não é deixada de lado. Em todas as práticas atuais de capoeira, permanecem coexistindo a orquestração musical, a dança, os golpes, o jogo, embora o enfoque dado se diferencie de acordo com a singularidade de cada vertente, mestre ou grupo (BRASIL, 2014, p. 19).

A capoeira passou por vários momentos da história, sendo uma representação de liberdade para o negro, e marginalizada para o governo que penaliza os praticantes, como era definido no Código Penal, no artigo 402: "fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação capoeiragem" (BRASIL, 2014, p. 19).

A capoeira foi utilizada por seus praticantes na defesa dos terreiros de candomblé, onde eram praticados os cultos de religiões afro-brasileiras. A capoeira não se limita a um esporte, a uma dança, arte, mandinga. Capoeira é a representação sociocultural de um povo que lutou para se libertar social, cultural e politicamente. O próprio nome capoeira já representa em si a luta dos negros, pois quando os negros de seus cativerios se escondiam nas capoeiras, e por eles serem lutadores, os capitães do mato os temiam, pois eles sabiam se defender e atacar. "Mas o que serve para defesa, também serve para o ataque", diz Mestre Pastinha, e complementa com a canção denominada de "Povo de Luanda" (Chula de Capoeira)<sup>5</sup>:

Ai negro rezava  
Pedindo paz a Deus do céu  
e na prece ele chorava  
dizendo que a vida era cruel  
Acorrentado na senzala  
se ajoelhava ao chão  
Muitas vezes lamentava

---

<sup>5</sup> Composição de Mestre Mão Branca. Disponível em: <https://capoeiraexports.blogspot.com/>. Acesso em: 16 mar. 2019.

Não entendia a razão  
de todo aquele sofrimento  
de tanta judiação

Povo de Luanda  
um dia lutou e venceu  
Conquistou sua liberdade  
que ele sempre mereceu  
Negro era castigado  
pelo chicote do feitor  
olhando a ferida ele chorava  
sentindo sozinho a sua dor  
Trabalhava sem parar  
preso no canavial  
naquele tempo ele era visto  
como outra espécie de animal

Povo de Luanda  
um dia lutou e venceu  
Conquistou sua liberdade  
que ele sempre mereceu  
Negro foi muito valente  
ao fugir de seu senhor  
na esperança de liberdade  
nas matas se refugiou

Povo de Luanda  
um dia lutou e venceu  
Conquistou sua liberdade  
que ele sempre mereceu  
No quilombo dos Palmares  
cantava junto uma nação  
Salve, salve o Rei Zumbi  
Viva o fim da escravidão

Povo de Luanda  
um dia lutou e venceu  
Conquistou sua liberdade  
que ele sempre mereceu

Como atesta Ribeiro (2011), a roda de capoeira é um ritual. Para ela fluir, tem que estar em harmonia passando por algumas etapas. Uma roda de capoeira tem que ter seus instrumentos musicais como: berimbau, caxixi, pandeiro, reco-reco, agogô e atabaque. O berimbau é quem orchestra a roda de capoeira, sendo três tipos de berimbau: o Gunga que é responsável pela marcação do ritmo do jogo; o Viola é quem comanda a roda; e o Violinha, o responsável por determinar o toque conforme o ritmo do jogo. O autor esclarece que a roda de capoeira começa após os instrumentos darem o ritmo, então se canta a Ladainha, uma música com toda significação para a capoeira, sendo a parte onde todos fazem silêncio enquanto ela é cantada, respondendo apenas ao coro no final. Ribeiro (2011) considera o atabaque como o único instrumento que não é tocado durante a Ladainha. Apenas depois da Ladainha é que começa o jogo de capoeira, tendo como prioridade os mais velhos para dar início ao jogo.

Segue-se "O bê-á-bá do berimbau", um exemplo de Ladainha de Capoeira<sup>6</sup>:

Iêêêê!  
Eu vou ler o bê-á-bá  
O bê-á-bá do berimbau  
A cabaça e o caxixi  
Colega velho, e um pedaço de pau  
A moeda e o arame  
Colega velho, aí está o berimbau  
Berimbau é um instrumento

Que é tocado numa corda só  
Vai tocar São Bento Grande  
Colega velho, toca Angola em tom maior  
Agora acabei de crer  
Colega velho, berimbau é o maior  
Camaradinha...

Iê viva meu Deus  
Iê viva meu Deus, camará  
Iê viva meu mestre  
Iê viva meu mestre, camará  
Iê quem me ensinou  
Iê quem me ensinou, camará  
Iê a capoeira  
Iê a capoeira, camará

Quando Mestre Pastinha escreveu essa canção, parecia estar conversando com o berimbau. Como observa Gonçalves (2007), o berimbau é um instrumento sagrado na África, por isso ele é o símbolo da capoeira. Não apenas o berimbau, mas outros elementos simbólicos e significativos que resistiram ao processo de marginalização e desconstrução das manifestações afro-brasileiras, construindo suas identidades, já que há elementos suficientes capazes de mostrar essa ruptura na história do povo afro-brasileiro, sobretudo pela sua manifestação artística.

A capoeira como parte da resistência à escravidão no Brasil, praticada nos quilombos, hoje é um dos símbolos da cultura negra brasileira, principalmente por representantes de "movimentos negros" e grupos de capoeira, articulando modos de vida e de expressão, formas de organização social e tipos de presença ocidental distintos (RIBEIRO, 2011). Isso resulta em sistemas compostos de dominação e de organização do trabalho, associações de saberes e de técnicas de origem muito diversas, representações híbridas do espaço e do tempo, onde se misturam todas as formas da existência social.

Ribeiro (2011) assegura que a capoeira possui uma capacidade de resistência que consegue perpassar os séculos de colonização, independência e império, república e os dias atuais. Para o autor, a memória da capoeira está interligada à memória do povo afro-brasileiro e afrodescendente. De modo geral, dentro desse contexto, como manifestação cultural popular, a capoeira segue ainda marcada por embates entre as iniciativas distintas de sua organização. E, como atesta Gonçalves (2007), possui todos os aspectos marcados pela Regional e Angola, mas abarca uma grande complexidade dentro desse universo, pois tem ainda a capoeira como simples

---

<sup>6</sup> Composição de Mestre Pastinha. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mestre-pastinha/817262/>. Acesso em: 16 mar. 2019.

manifestação popular sem intuitos ou estratégias. Assim, a capoeira segue com discursos de legitimação, agora, por vezes, mais ancorados ao que foi dado pelo seu registro como patrimônio cultural brasileiro.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira, de modo geral, representa uma memória da reconstrução da memória afro-brasileira, pois o que há de mais novo nessa arte é a descoberta dos movimentos oriundos dela mesma e de diversas origens africanas. A tradição está presente na própria capoeira Angola, na Regional e na Contemporânea de fins do século XX e início do século XXI. À medida que esse espaço é descoberto, a nossa identidade africana e afro-brasileira é reconstruída.

As ações aqui articuladas permitiram maior visibilidade do tema e da concepção do sentimento de pertença, na construção de uma identidade afro-brasileira entre os participantes, impulsionados pela memória ancestral através dessa arte. Revelaram ainda que a capoeira possui funções de entretenimento, de socialização, de preservação e manutenção das tradições, de valores sociais e culturais.

Após o entendimento reflexivo dessas possibilidades, o grupo Angola Palmares - Roger JP/PB possibilita aos seus praticantes tornarem-se agentes produtores e socializadores de cultura.

Com este trabalho, esperamos incentivar o direcionamento dos olhares à capoeira de modo geral, distanciando-os de juízos de valor.

#### **Represented memories in *capoeira* circles:** resignification of the *Angola Palmares* - Roger JP/PB

##### **Abstract**

With movements inspired by African warrior dances, *capoeira* was recreated in Brazil by the African peoples at the time of slavery, being a symbol of struggle and resistance of the black movement. In 2008, *capoeira* was declared as Intangible Cultural Heritage in Brazil by the Institute of Artistic and National Historical Heritage (IPHAN), later in 2014 by UNESCO. This work aims to retell the history of the *Angola Palmares Capoeira Group* - Roger JP / PB, from the narrative interview (NI) with Mestre Dário, as well as from the perspective of the elements involved in this process. The research, of qualitative nature, revealed that the actions proposed here allowed greater visibility of the theme and the conception of the feeling of belonging in the construction of Afro-Brazilian identity among the participants, touched by ancestral memory through this art. It also revealed that *capoeira* has functions of entertainment, socialization, preservation and maintenance of traditions.

**Keywords:** Social memory. *Capoeira*. *Angola Palmares Capoeira Group* - Roger JP / PB.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. C. A. de. **A saga de Mestre Bimba**. Salvador: P&G, 1994.
- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: UNICAMP, 2011.
- CAPOEIRA. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/10\\_10\\_2018\\_16.06.25.75bd89e92e8096f8ec50efff5f470b78.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/10_10_2018_16.06.25.75bd89e92e8096f8ec50efff5f470b78.pdf). Acesso em: 27 jun. 2019.
- CAPOEIRA. Disponível em: <https://capoeira.tootington.com/2014/grao-mestre-no-norival-moreira-de-oliveira>. Acesso em: 29 jun. 2019.
- CAPOEIRA ANGOLA E SEUS FUNDAMENTOS: capoeira exports. Disponível em: <https://capoeiraexports.blogspot.com/2011/01/capoeira-angola-e-mestre-pastinha.html>. Acesso em: jun. 2019.
- CAPOHISTÓRICA. Disponível em: <http://capohistorica.blogspot.com/2016/03/maculele.html>. Acesso em: 01 de jul. 2019.
- CAPOEIRA PALMARES. Disponível em: <https://www.facebook.com/capoeirapalmaresroger>. Acesso em: 03 jul. 2019.
- CUNHA, I. M. C. F. da *et al.* Capoeira: a memória social construída por meio do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 735-755, abr./jun. 2014.
- EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno\\_tematico\\_de\\_educacao\\_patrimonial\\_nr\\_03.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_tematico_de_educacao_patrimonial_nr_03.pdf). Acesso em: 01 jul. 2019.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GONÇALVES, J. R. O espírito e a matéria: o patrimônio enquanto categoria de pensamento. *In: Antropologia dos objetos*: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- HISTÓRIAS DA CAPOEIRA. Disponível em: <https://www.facebook.com/historiassemfimcapoeira/posts/527222043972222/>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- IPHAN. **Dossiê**: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA\\_capoeira.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_capoeira.pdf). Acesso em: 12 jul. 2019.



IPHAN. **O Iphan**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MUSEU AFRO DIGITAL. Disponível em: <https://museuafrodigital.ufba.br/mem%C3%B3ria-perif%C3%A9ricas-da-capoeira-angola-de-salvador-o-acervo-pessoal-de-mestre-n%C3%B4>. Acesso em: 12 jul. 2019.

MUSEU DO PATRIMÔNIO. Disponível em: <http://museudopatrimoniovivo.blogspot.com/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

PIRES, A. L. C. S. **Movimentos da cultura afro-brasileira**: a formação histórica da capoeira contemporânea. Campinas: UNICAMP, 2001.

SOARES, C. E. L. **A negrada instituição**: os capoeiras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

VIEIRA, L. R. A capoeira e a cultura internacional-popular. **Revista Praticando Capoeira**, São Paulo, n. 18, set. 2002.

VIEIRA, L. R. **A capoeira e as políticas de salvaguarda do patrimônio imaterial**: legitimação e reconhecimento de uma manifestação cultural de origem popular. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2012.

VASSALLO, S. P. O registro da capoeira como patrimônio imaterial: novos desafios simbólicos e políticos. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 334-350, dez. 2011.